

5

Processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada

Silvana Maria Calixto de Lima

1. Introdução

Neste capítulo, abordamos o fenômeno linguístico da recategorização metafórica como um gatilho para a construção da comicidade no gênero piada. Compreendida a recategorização numa dimensão cognitivo-discursiva, como defendemos em Lima (2009), trabalhamos ocorrências de recategorização licenciadas por metáforas. Esclarecemos que a metáfora é tratada por um viés sistematicamente cognitivo (Lakoff e Johnson, 1980), em que se extrapola a sua concepção tradicional como simples figura de linguagem usada como ornamento na linguagem poética. Em outros termos, como defendem os precursores

da abordagem da metáfora conceitual, “nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 3). Assim, a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas somente é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, já que a metáfora está presente, todos os dias, em nossos pensamentos e ações. Ou seja, ela faz parte da nossa linguagem do cotidiano e não apenas da linguagem poética.

Em Lima (2003), já defendemos a hipótese do processo de recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, propondo também uma classificação para esse tipo de ocorrência. Entretanto, a descrição do fenômeno ainda não chega a receber um tratamento sistematicamente cognitivo-discursivo, da forma como aqui procedemos, seguindo a esteira de Lima (2009), em que refinamos a concepção do processo de recategorização.

Assim sendo, na primeira parte deste capítulo, tratamos dos pressupostos básicos do processo de recategorização, com o objetivo de configurar o quadro teórico que dá sustentação à hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para a construção do humor. Na sequência, fazendo a ponte com o objeto teórico da recategorização metafórica, abordamos a caracterização do humor na piada, conforme o modelo de Raskin (1985), consolidando, então, a fundamentação teórica do trabalho. Por último, procedemos à análise propriamente dita das ocorrências de recategorização metafórica em exemplares do gênero textual piada, a fim de demonstrarmos a validação da hipótese assumida neste trabalho.

2. O processo de recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva

No âmbito da Linguística de Texto, o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) é precursor no trato do fenômeno da recategorização lexical, tratamento este, porém, restrito a uma dimensão

textual-discursiva. Tal fato, de modo algum, significa que os autores estejam alheios aos aspectos cognitivos inerentes ao respectivo fenômeno, mas é notório o foco desses teóricos na recategorização como uma estratégia de designação materializada por expressões anafóricas correferenciais. É esse o caso, por exemplo, do referente *minha sogra*, recategorizado, na piada abaixo, como *um monte coberto* [em cima de uma mesa], como *a velha e merda*.

(1)

O caipira vai visitar um amigo, no sítio vizinho... Chegando lá, estranha um monte coberto, em cima de uma mesa, e pergunta:

— Que é isso, compadre?

— Minha sogra, sô! Tem uma semana que ela morreu!

— Virgem santa! E por que não enterrou a velha?

— Eu não... Quem enterra merda é gato! (Piadas selecionadas, 2003, p. 28.)

No exemplo (1), o enunciador retoma, por anáforas diretas recategorizadoras, o referente *minha sogra* e investe-o de um novo conteúdo informacional, tendo em vista o seu propósito de gerar a comichidade do texto. Tal referente sofre três recategorizações na progressão textual: *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha e merda*. Note-se que essas recategorizações estão imbricadas na construção do efeito cômico, mas é a última a que responde mais diretamente pela comichidade do texto. A primeira recategorização do referente sogra como *um monte coberto* [em cima de uma mesa] já sinaliza para a depreciação desse referente confirmada, na sequência, principalmente, pela sua recategorização como *merda*. Essas três ocorrências configuram tipos de recategorizações lexicais denominados pelos autores como recategorizações lexicais explícitas. Há também ocorrências do fenômeno reconhecidas por eles como casos de recategorizações lexicais implícitas, porém Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) restringem esses casos a ocorrências de pronominalização, como ilustra o exemplo seguinte apresentado por Cavalcante (2003).

(2)

A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida. (Citado por Cavalcante, 2003, p. 114.)

Como explica a autora, no exemplo (2), há uma ocorrência de recategorização lexical implícita que transforma *a equipe médica* em *os médicos*. Observe-se que, na superfície textual, o que se explicita é a pronominalização de *os médicos* em *eles*, um processo subsequente à transformação de *a equipe médica* em *os médicos*. Nesse caso, o pronome anafórico *eles*, que marca a recategorização, não possui um antecedente textual explícito, mas esse antecedente, implícito, pode ser evocado expressamente por meio de pistas verbais reconhecíveis.

Na proposta dos autores, nota-se, ainda, uma certa tendência para que as recategorizações lexicais explícitas sejam vistas como casos mais prototípicos do que eles definem como o fenômeno da recategorização lexical. É fato incontestado que, ao longo do tempo, a abordagem da recategorização, da forma procedida por seus precursores, foi ganhando contornos mais amplos, particularmente em termos de sua descrição textual-discursiva, servindo de lastro para outros trabalhos no âmbito da Linguística de Texto, a exemplo de Cavalcante (2003), Matos (2005) e Leite (2007), dentre outros. Tal fato evidencia a importância e produtividade desse estudo seminal.

Com base nessa concepção textual-discursiva da recategorização, em Lima (2003) investigamos recategorizações metafóricas na construção dos sentidos do texto humorístico, encontrando fortes evidências de que há muito mais a se dizer do processo de recategorização, se tratado o fenômeno de uma perspectiva cognitivo-discursiva. Isso nos permitiu vislumbrar o processo muito além da proposta pioneira de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). A identificação de ocorrências de recategorização cujo processo não necessariamente é materializado na superfície textual ilustra essa proposição, como é demonstrado do exemplo (3).

(3)

Um amigo conta pro outro:

— Minha sogra caiu do céu!

— Ela é maneira assim mesmo?

— Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas selecionadas, 2003, p. 10.)

Nesse exemplo, identificamos a recategorização metafórica do referente *sogra* como *bruxa*, cuja expressão recategorizadora não é homologada na superfície do texto, mas pode ser inferida a partir de pistas textuais, a exemplo do referente vassoura, que pode evocar o modelo cognitivo/cultural de sogra como *persona non grata*, daí a razão do uso da metáfora conceitual SOGRA É UM ENTE MALÉFICO,¹ que comumente licencia expressões metafóricas usadas na caracterização do referente sogra nos textos de humor, a exemplo da expressão bruxa, que, nesse exemplo, não se materializa textualmente. Notadamente, ocorrências de recategorização desse tipo só podem ser descritas a partir da abertura do processamento cognitivo. Em outros termos, essas recategorizações têm um menor grau de explicitude em relação aos casos típicos de recategorizações lexicais explícitas, uma vez que, a depender da situação discursiva, o referente ou a própria expressão recategorizadora, como já visto no exemplo (3), podem não se materializar na superfície do texto. Em (4), temos um exemplo em que o referente recategorizado não é homologado textualmente, sendo inferido a partir de pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de sua ancoragem.

(4)

Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...

A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma joia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume

1. Segundo convenção da Teoria da Metáfora Conceitual, as metáforas conceituais são notadas em versaletes.

francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:

— Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!

— Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:

— Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...

Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:

— O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!

— Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999, p. 93.)

No exemplo (4), identificamos a recategorização do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*, lembrando que o respectivo referente não é homologado na superfície textual por meio de uma expressão referencial, fato que não impede a confirmação do processo de recategorização referido. Nesse texto, inicialmente, há a introdução do referente *cartão de crédito*, categorizando um documento utilizado para transações financeiras. Em seguida, há uma nova ocorrência dessa expressão, porém agora homologando a recategorização metafórica do referente *genitália feminina* como *cartão de crédito*. Tal referente não se explicita textualmente, mas, como dissemos, pode ser inferido a partir de pistas textuais que evocam essa construção, tais como a quantidade de água oferecida pelo marido para o banho da esposa e a intempestiva injunção *Lava só o cartão de crédito!* É fato também que toda a situação enunciativa já colabora para a evocação do modelo cognitivo de MULHER ADÚLTERA, por exemplo quando o marido é apresentado como ingênuo e sob a alcunha de Galhardo, numa clara alusão a galha ou chifre,² assim como a informação de que a mulher costumeiramente chegava em casa com presentes caros, justificando, pela desconfiança do marido, que os presentes eram comprados com o cartão de crédito. O interessante é que a recategorização

2. Na cultura popular, esses termos simbolizam a infidelidade amorosa sofrida por alguém.

da *genitália feminina* como *cartão de crédito* propicia o efeito cômico do texto exatamente pela quebra da expectativa inicial de que o marido estava alheio ao comportamento promíscuo da esposa, como detalhamos na seção da análise.

Assim sendo, situações como as descritas nos dois últimos exemplos serviram de motivação para que aprofundássemos, em Lima (2009), a investigação de processos de recategorização licenciados por metáforas e metonímias. No referido trabalho, a partir de uma proposta de interface com a Linguística Cognitiva, particularmente com a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987 e colaboradores), propomos um redimensionamento da concepção de recategorização, caracterizando esse processo nos termos seguintes:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (Lima, 2009, p. 57.)

A nosso ver, esse redimensionamento da concepção de recategorização traz duas importantes consequências para a compreensão do fenômeno, sendo a segunda derivada da primeira: i) a passagem da concepção de recategorização como um fenômeno de natureza meramente textual-discursiva para um fenômeno de natureza essencialmente cognitivo-discursiva; ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por, e concentrar-se em, expressões referenciais, pela admissão de que a sua construção não se restringe a uma relação entre um referente e uma expressão recategorizadora necessariamente materializados na superfície textual. Em outros termos, a segunda consequência significa que, por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da materialidade do texto, ou seja,

elementos que fazem parte de modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas. Não obstante, é importante enfatizar que a (re)construção desses elementos só é possível no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, como é o caso das recategorizações descritas nos exemplos (3) e (4). Ademais, um outro aspecto importante quanto ao redimensionamento da concepção de recategorização, proposto em Lima (2009), diz respeito ao entendimento do fenômeno como um processo que se configura não apenas na linearidade do texto, pois as recategorizações podem acontecer numa espécie de cadeia que exige um movimento circular, no processamento do texto, para a sua (re)construção.

Conforme dito na introdução, assumimos, neste capítulo, a concepção cognitivo-discursiva da recategorização ora apresentada. Ressaltamos que tal concepção amplia as possibilidades de identificação e descrição do mecanismo linguístico da recategorização, conjecturado como um gatilho para a construção da comicidade na piada, hipótese essa melhor desenvolvida na seção dedicada à análise. Antes, porém, tratamos da caracterização do humor na piada que norteia este trabalho, dando continuidade à apresentação dos fundamentos teóricos que lhe servem como alicerce.

3. O humor na perspectiva de Raskin (1985)

No contexto da aceção de humor como a qualidade do que é risível ou cômico, Raskin (1985, p. 2) afirma que “a capacidade de valorizar e apreciar o humor é universal e compartilhada por todas as pessoas, mesmo que as preferências de cada uma sobre os tipos de humor possam diferir largamente”. Para o autor, esse princípio da universalidade do humor é reforçado pelo fato de que, de forma surpreendente, muitas piadas ou situações são vistas por muitas ou todas as pessoas como engraçadas. O teórico explica que “independente de sua idade, sexo, *status* econômico ou social, cultura ou época, as pessoas são capazes de descobrir coisas engraçadas e delas

sorrir" (Raskin, 1985, p. 2). Entretanto, pondera que pessoas diferentes não necessariamente devem achar as mesmas coisas engraçadas.

Na literatura contemporânea, é fato que o humor é estudado sob o lastro de diferentes teorias. Vemos em Raskin (1985), na sua proposta de uma teoria do humor verbal baseada na oposição de *script*, como detalhamos adiante, uma certa compatibilidade com as teorias do humor baseadas na incongruência, apresentadas por Krikmann (2006) como teorias de natureza essencialmente cognitiva, que envolvem necessariamente dois planos de conteúdo ou linhas de pensamento (i.e., os chamados quadros de referência, esquemas, *script* etc.). Esses dois planos de conteúdo são mutuamente incompatíveis, porém guardam entre si alguma relação que torna possível a transição de um para o outro plano.

É no bojo do modelo raskiniano que também se encontra a premissa de um gatilho responsável pela deflagração da comicidade na piada, para onde converge mais diretamente o nosso interesse neste capítulo. Dessa forma, Raskin (1985, p. 99) propõe, a princípio, duas condições necessárias para que um texto seja caracterizado como uma piada: i) a compatibilidade (parcial ou total) do texto com dois diferentes *scripts*; ii) uma relação de oposição entre os dois *scripts* com os quais o texto é compatível; os dois *scripts* compatíveis com o texto se sobrepõem completamente ou em parte. Some-se a esse conjunto dois outros traços da piada postulados por Raskin (1985, p. 100, 114): iii) uma comunicação de modo de não boa-fé; iv) a presença de um gatilho que deflagra a passagem de um para outro *script*. O clássico exemplo do autor, na sequência, ilustra essa sua hipótese.

(5)

— O doutor está em casa? — pergunta o paciente com voz rouca.

— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico. —
Entre depressa. (Raskin, 1985, p. 100.)

Na descrição do exemplo (5), o autor afirma que há dois *scripts*, parcialmente sobrepostos, compatíveis com a piada: o de MÉDICO e

o de AMANTE. O primeiro é evocado, logo no início do texto, pelas expressões *médico*, *paciente* e *voz rouca*. Esse *script* é confirmado pela pergunta usual na situação (*O doutor está em casa?*), proferida no contexto de uma época remota em que os médicos atendiam aos pacientes em casa quando eles precisavam. O segundo *script* é configurado a partir da segunda sentença (*— Não — sussurra em resposta a jovem e bela esposa do médico*), que perde sua compatibilidade com o primeiro *script* quando é feito o convite para o paciente entrar na ausência do médico, além da resposta em forma de sussurro da jovem e bela esposa. Raskin defende que “os dois *scripts* sobrepostos, de uma certa maneira, são percebidos como opostos, e é essa oposição que cria a piada” (Raskin, 1985, p. 100). Em outros termos, no primeiro *script*, explica o autor que o paciente certamente deseja ver o médico, sendo incongruente o convite da jovem esposa para ele (o paciente) entrar na casa quando o marido estava ausente. Ao invés do convite, o esperado seria que a resposta da jovem fosse algo do tipo *Ele voltará logo* ou *Você pode esperar se quiser*. O convite descrito na piada, porém, passa a ser altamente congruente se tomarmos o segundo *script*, o de AMANTE. Como bem adverte o autor, uma sobreposição de *scripts* “não é uma condição suficiente para um texto ser cômico — de fato, qualquer texto ambíguo é compatível com dois ou mais *scripts*, mas certamente nem todo texto ambíguo é cômico” (idem, p. 99).

Na construção da comicidade da piada do exemplo (5), é importante dizer ainda da importância do gatilho que permite a passagem de um *script* a outro, materializado na fala final da esposa do médico, sem deixar de considerar a construção de outras inferências no texto que também corroboram para a consolidação desse gatilho. Além disso, a construção cômica do texto acontece no modo de comunicação de não boa-fé, que implica a intencionalidade do humor.

A despeito do gatilho proposto por Raskin (1985) na caracterização da piada, lembramos, por oportuno, a assertiva de Possenti (1998) de que há vários mecanismos linguísticos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical, dentre outros, que podem ser acionados para a construção do efeito cômico na piada. Para esse autor, a

linguística, no campo do humor, deveria ocupar-se da tarefa de “descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*” (Possenti, 1998, p. 23).

Considerando a noção de gatilho como uma das grandes contribuições de Raskin (1985) ao universo semântico, Magalhães (2010, p. 29) explica que o papel do gatilho é “estabelecer a relação entre os dois [*scripts*] impondo uma interpretação diferente da do primeiro [*script*] e que provoque o riso espontâneo”. Reiteramos que, neste capítulo, estamos advogando pelo processo de recategorização metafórica como um gatilho para a construção do efeito cômico na piada. Passemos, então, a uma melhor explicitação dessa conjectura, iniciando pela retomada dos exemplos (1), (3) e (4).

4. A construção do efeito cômico engatilhado por processos de recategorização metafórica

No exemplo (1), como visto, identificamos três ocorrências do processo de recategorização metafórica na construção do referente *sogra*, homologadas pelas expressões referenciais *um monte coberto* [em cima de uma mesa], *a velha* e *merda*. Chamamos a atenção para o fato de que, embora as três recategorizações mantenham uma estreita relação na deflagração do efeito cômico da piada, é a recategorização de *sogra* como *merda* que concentra mais precisamente a função de gatilho para o humor. Vimos que, na perspectiva de Raskin (1985), o humor é gerado a partir de uma relação de oposição entre dois *scripts* sobrepostos e compatíveis com o texto, sendo necessário um gatilho que permita a passagem de um *script* a outro. Com base nessa caracterização, é possível identificar, no exemplo (1), dois *scripts*: o de ENTERRO DOS MORTOS e o de ENTERRO DE EXCREMENTOS, relacionados, respectivamente, aos domínios dos seres racional e irracional. Observe-se que, na narrativa da piada, a passagem para o segundo *script* ocorre exatamente no fecho da piada, quando o amigo, em resposta à arguição do caipira sobre as razões que o levaram a não

enterrar a sogra depois de passados dias de sua morte, defende-se com a súbita exclamação *Quem enterra merda é gato!* Em outros termos, é esse o momento em que se processa a recategorização metafórica do referente *sogra* como *merda*, a qual funciona como um gatilho para a comicidade do texto. É fato que, no universo humorístico, a sogra é um personagem frequentemente tematizado de forma depreciativa, não sendo raro o uso de expressões metafóricas altamente pejorativas na caracterização desse referente, caso da recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que engatilha a comicidade no exemplo (3), conforme descrevemos adiante.

A incongruência dessa primeira piada, portanto, está no fato de que o esperado era que a sogra, como é próprio da nossa cultura, tivesse sido enterrada, daí a estranheza do amigo quando soube que aquele *monte coberto* [em cima da mesa] era uma pessoa. Some-se a isso a informação de que o corpo da sogra estava nessa situação há dias. Assim, a súbita passagem para um *script* relacionado ao universo de animais irracionais (o *enterro de excrementos*), engatilhada pela recategorização da *sogra* como *merda*, quebra toda essa expectativa inicial gerada nessa narrativa cômica, fugindo totalmente do modelo de referência que se tem de enterro dos mortos em nossa cultura. O riso decorre precisamente da passagem para o segundo *script* em que a sogra jocosamente é metaforizada como um excremento do animal gato, além da recusa do genro em enterrá-la por não admitir tomar parte nesse segundo *script* (ele não é um animal irracional). Como bem pontua Magalhães (2010, p. 29), o gatilho na piada pode ser compreendido “como o elemento capaz de introduzir o segundo discurso à sombra do primeiro”.

Já foi dito que a recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, descrita no exemplo (3), cujo grau de explicitude é menor, só pode ser reconstruída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo. Interessa-nos destacar, nesse momento, o papel dessa recategorização como gatilho para o humor. Como é característico do texto anedótico, no referido exemplo, novamente temos uma relação/oposição entre dois *scripts* compatíveis no texto: o de SOGRA COMO UMA PESSOA BOA e o de SOGRA COMO UMA PESSOA MÁ. O primeiro

é evocado pela expressão *Minha sogra caiu do céu*, a qual presume a construção do referente sogra de forma positiva, fato também corroborado pela interrogação *Ela é maneira assim mesmo?* Porém, a resposta a essa indagação já evoca o segundo *script*, quando o primeiro enunciador responde categoricamente que a vassoura [da sogra] quebrou quando ela voava sobre a casa dele. É a passagem para esse segundo *script*, desencadeada pela recategorização metafórica de *sogra* como *bruxa*, que provoca o efeito cômico do texto. Essa recategorização confere uma significação literal à expressão *Minha sogra caiu do céu*, rompendo com a expectativa do sentido figurado que lhe é atribuída no primeiro *script*, em que a sogra é inferida como uma pessoa agradável. Desse modo, *a sogra caiu do céu* porque é uma bruxa que tem a vassoura quebrada e não porque é uma pessoa agradável e desejada pelo genro. Fica clara aí a oposição entre *real* e *irreal*, estabelecida na relação entre os *scripts*.

No exemplo (4), os dois *scripts* relacionados são o de COMÉRCIO e o de ADULTÉRIO. A comicidade é gerada exatamente pela quebra do *script* inicial de que o cartão de crédito estaria sendo usado pela mulher para adquirir os presentes de valor que trazia para casa. Tal ruptura acontece, ou é engatilhada, pela recategorização metafórica do referente *cartão de crédito* como *genitália feminina*, pela qual também se infere que o marido, aparentemente enganado pela esposa, não dava crédito ao discurso configurado no primeiro *script*. O cômico da situação é a genitália feminina metaforizada como cartão de crédito, que traz, em sua subjacência, a comprovação do comportamento promíscuo da esposa. É claro que os dois *scripts* descritos são compatíveis no texto porque ambos estabelecem uma relação de compra/venda, porém em duas instâncias diferentes: a de objetos do mundo material e a de corpo como objeto sexual, respectivamente.

Reiteramos que, nesses primeiros três exemplos analisados, não podemos perder de vista o papel da recategorização metafórica como gatilho para a passagem de um *script* a outro nas piadas analisadas. Certamente que não estamos desconsiderando outras pistas linguísticas que podem colaborar para a construção dessa passagem. Entretanto, cremos que seja o processo de recategorização metafórica o

gatilho mais forte para a construção do efeito cômico dos textos analisados. É preciso ter claro que, obviamente, se o leitor não recuperar a construção das recategorizações metafóricas presentes nos textos, a criação do efeito de comicidade fica seriamente comprometida.

Passemos, então, à apresentação de mais dois exemplos, que fecham essa seção de análise. O primeiro deles novamente tematiza a mulher como objeto sexual.

(6)

Conversa de bar. Um cara pergunta pra outro:

— Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou uma [mulher] bonita mas puta?

— Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho. (Seleção de piadas, 2002, p. 16.)

De início, destacamos, no exemplo (6), duas ocorrências textualmente explícitas do processo de recategorização metafórica: a do referente *mulher feia* [mas fiel] como *merda* e a do referente *mulher bonita* [mas puta] como *bolo*. Essas duas recategorizações podem ser ditas como licenciadas, respectivamente, pelas metáforas conceituais O CORPO DA MULHER É COMIDA e O CORPO DA MULHER É UM EXCREMENTO, ancoradas num modelo cognitivo/cultural de sexualidade que cultua um determinado padrão de beleza feminina, sem deixar de mencionar também o aspecto da cultura machista que toma a mulher como um objeto meramente sexual. Tais recategorizações metafóricas, portanto, são essenciais para engatilhar a incongruência estabelecida entre os dois *scripts* relacionados na narrativa, responsável pela sua comicidade.

Seguindo essa linha de raciocínio, é perceptível, nessas duas (re)categorizações, a incongruência que se estabelece entre o modelo cognitivo de fidelidade matrimonial e a posição de um dos interlocutores do texto, que rompe com esse modelo, admitindo a promiscuidade feminina, em nome de um outro modelo que, para ele, se mostra mais significativo. Ou seja, o modelo vigente, na sexualidade,

de que aquilo que é atraente, do ponto de vista dos atributos físicos, é mais prazeroso.³ Reiteramos que esse modelo cognitivo/cultural está na subjacência da (re)categorização metafórica de *mulher bonita* como *bolo*, bem como o contrário, de *mulher feia* como *merda*, essa última que se configura como uma inadequação a esse modelo de sexualidade vigente na sociedade machista. Note-se também que a mulher bonita é, do ponto de vista dos atributos que estimulam o desejo sexual, mais apetitosa, já que possui esses atributos, legitimados pelo modelo de sociedade que prega um extremado culto ao corpo, daí a sua recategorização metafórica, na piada, como *bolo*. Por outro lado, a mulher feia, por destoar desse modelo, é considerada como um refugio, mesmo que seja fiel, justificando-se a sua recategorização como *merda*, ou seja, um corpo que não serve para ser metaforicamente “devorado” pelo homem. Compreende-se, desse modo, que o importante é ter o melhor, isto é, a mulher bonita, ainda que de forma compartilhada, admitindo-se, nesse contexto específico, a infidelidade feminina. A comicidade da piada configura-se, então, pela passagem do *script* FIDELIDADE MATRIMONIAL para o *script* ADULTÉRIO. Lembramos que essa passagem tem como gatilho as duas recategorizações metafóricas destacadas na piada.

O segundo e último exemplo tematiza a questão da virilidade masculina, fortemente relacionada ao modelo de sexualidade machista do brasileiro descrito no exemplo anterior.

(7)

Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão.

— Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!

O americano não quer ficar atrás:

— Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!

3. Aqui não podemos deixar de estabelecer relação com a metáfora conceitual O ATRAENTE É GOSTOSO, identificada por Grady (1997) como uma metáfora primária de natureza correlacional.

O brasileiro não deixa por menos:

— Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998, p. 167.)

No exemplo (7), identificamos três repetições da expressão referencial *uma vara*, contudo somente a última delas assume a função de uma recategorização metafórica. Nessa recategorização, o referente recategorizado (*genitália masculina*) não se explicita textualmente, sendo inferido a partir das pistas textuais que evocam o modelo cognitivo de RELACIONAMENTO SEXUAL, estando, portanto, a construção desse referente ancorada nesse modelo. Como nos demais exemplos analisados, novamente o processo de recategorização responde pelo gatilho da comicidade do texto.

Nesse contexto, o jogo que se estabelece entre a mudança de tamanho e a finalidade da *vara* do brasileiro é uma pista importante para o processamento da recategorização metafórica de *genitália masculina* como *vara*. Essa recategorização traz em sua subjacência a metáfora conceitual GENITÁLIA MASCULINA É UM OBJETO RIJO, bem condizente com o modelo cultural machista da sociedade brasileira que normalmente povoa o universo humorístico, embora haja algumas exceções. Há que se enfatizar que essa recategorização desencadeia a passagem do *script* ESPORTE OLÍMPICO, evocado no início da narrativa, para o *script* RELACIONAMENTO SEXUAL, evocado no fecho da narrativa. O cômico é que, na passagem de um *script* a outro, o brasileiro acaba saindo na vantagem, ao realizar um feito muito mais prodigioso, para a cultura machista, com uma *vara* de menor tamanho do que os desportistas alemão e americano. A tematização da etnia também pode ser vista nessa piada, pela possibilidade de construção da inferência de que os americanos e alemães possuem um baixo desempenho sexual, o que não deixa de ser uma inferência bastante depreciativa. Decerto, a relação de oposição entre os dois *scripts* descritos é também um elemento fundamental na construção do efeito cômico da piada. Mais uma vez a passagem de um *script* a outro é engatilhada por uma ocorrência do processo de recategorização metafórica.

Em todos os exemplos ora analisados não podemos deixar de ressaltar o papel dos estereótipos em torno dos quais se constroem as piadas, isto é, a sogra má, a mulher objeto sexual e o brasileiro viril. As piadas e anedotas, como afirma Possenti (2010), constituem um meio muito produtivo de abordagem da identidade estereotipada. Isso porque “esses tipos de texto sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para a sociedade” (Possenti, 2010, p. 40). O riso deflagrado a partir do processamento das recategorizações metafóricas construídas em torno desses estereótipos não pode ser dissociado também desse contexto.

5. Considerações finais

Neste capítulo, defendemos a hipótese da recategorização metafórica como um gatilho para o humor na piada, a partir de uma abordagem cognitivo-discursiva desse fenômeno linguístico e dos elementos característicos do texto de humor na perspectiva de Raskin (1985). Vimos que esse mecanismo linguístico pode perfeitamente figurar como elemento deflagrador do riso na piada, pelo fato de engatilhar a passagem de um *script* a outro que caracteristicamente estão relacionados na construção da piada.

Na análise, priorizamos os ingredientes semânticos postulados por Raskin (1985) na caracterização da piada, sem perder de vista a relação desses ingredientes com os aspectos discursivos e pragmáticos que estão imbricados na constituição desse gênero humorístico. Outro aspecto a ser ressaltado é que a compreensão das relações estabelecidas entre *scripts* sobrepostos na construção da piada depende da disposição do leitor/ouvinte para comparar os elementos da situação e interpretar o significado das incongruências, fazendo emergir uma única interpretação para o texto. Certamente que, nesse processo de construção de sentidos, o leitor também deve perceber simultaneamente o propósito discursivo do texto de provocar o riso.

Esperamos que a reflexão aqui empreendida, que não teve a pretensão de ser exaustiva, possa trazer contribuições à Linguística na sua tarefa de descrever os mecanismos linguísticos que podem funcionar como gatilho na construção do efeito cômico em textos humorísticos.

Referências

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-Jose. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-Jose (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado) — University of California, Berkeley, 1997.

KRIKMANN, Arvo. Contemporary linguistic theories of humour. *Folklore*, v. 33, 2006. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol33/kriku.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEITE, Ricardo Lopes. *Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAGALHÃES, Maria Helena G. *Aprendendo com humor*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PIADAS SELECIONADAS. São Paulo: Escala, ano 3, n. 17, 2003.

POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SARRUMOR, L. *Mil piadas do Brasil*. Nova Alexandria: São Paulo, 1998.

_____. *Mais mil piadas do Brasil*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

SELEÇÃO DE PIADAS. São Paulo: Escala, n. 17, 2002.